

ROCHA POMBO E A UTOPIA MÍSTICA

Miguel Sanches Neto

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: O mais importante romance simbolista do Brasil, ainda pouco lido, *No Hospício*, do paranaense Rocha Pombo, parte de experiência utópicas acontecidas no estado do Paraná para propor um modelo de sociedade fundada na espiritualidade. Modelo de narrativas de vanguarda, este romance funda a ficção experimental pré-modernista.

Palavras-chave: Utopia; espiritualismo; simbolismo; Rocha Pombo.

Abstract: The most important symbolist novel in Brazil, still little read, *No Hospício*, by Rocha Pombo, from Paraná, starts from utopian experiences that took place in the state of Paraná to propose a model of society based on spirituality. A model for avant-garde narratives, this novel founds pre-modernist experimental fiction.

Keywords: Utopia; spiritualism; symbolism; Rocha Pombo.

Um pouco além do simbolismo

Primeiro grande romance produzido no Paraná ou a partir do Paraná, *No hospício*, de Rocha Pombo, foi escrito entre 1896 e 1900 e publicado em 1905, depois de o autor se estabelecer no Rio de Janeiro, integrando-se à geração simbolista, círculo dominado por paranaenses. Daí a vinculação desta obra ao movimento, com o qual guarda inequívocas conexões, o que o valoriza e ao mesmo tempo restringe sua leitura

a esta corrente, apequenando-o ao torná-lo exemplo do romance simbolista entre nós, o que atrapalha outras entradas de leitura. Talvez fosse preciso ler *No hospício* fora das teses desta escola.

Utopia selvagem

A primeira constatação para que isso possa acontecer é reconhecer o fato de Rocha Pombo vir de experiências de produção romântica, da qual nunca se livrou totalmente – sua epopeia *A Guaíra* (de 1886, mas publicada em 1891) é o canto do heroísmo indianista, ambientando já tardiamente no Paraná na tentativa de dar ao estado um protagonismo na formação nacional.

Na “Advertência”, o autor pensa a publicação como uma forma de “arquivar” material que julga incompleto, afirmando que os dados que ele coligiu “podem ser úteis a alguém mais capaz de realizar a obra”. Em 12 cantos em decassílabos brancos, esta epopeia selvagem retoma um momento de definição do que viria a se tornar o Paraná: a República del Guaíra. Composta por uma cidade real, por vilas e por reduções jesuíticas, esta região esteve sob o domínio espanhol até o Tratado de Madri, de 1750, que, depois da expulsão dos jesuítas, reconhece a área como portuguesa. Rocha Pombo cria um painel imaginário de heróis indígenas, os protoparanaenses, que lutam primeiro contra o domínio espanhol e depois contra os bandeirantes, que subjagam as tribos em busca de mão de obra escrava. Os hispânicos são definidos nos discursos dos indígenas como “malditos” e estes líderes expressam que “o ódio ao branco nesta terra é eterno” (34). Interessante que esta república é vista, romanticamente, como pátria por estes guerreiros comandados por um rei em revolta, “se levanta a Guaíra / contra o falso espanhol que nos humilha” (54). Será uma constante este ódio ao colonizador, violentamente expulso do território que, em sua grande extensão, viria a ser o Paraná. Há uma recusa do Deus católico, em nome das divindades silvícolas, manifesta na exortação do rei Gatan:

Ainda falais no vosso Deus brilhante.
Ainda dizeis que aqui salvar-vos vindes...
Não! Escondei o vosso Deus! Nós temos
Nosso amado Tupã, e para sempre
A tormentosa vida das florestas
Preferiremos à opulenta vida

Da vossa Espanha... O nosso Deus é justo,
Como um peito de pai sereno e puro:
O vosso é grande e belo. Nesta terra
Vós sois bandidos, cuja lei é o crime. (71)

Pela voz dos guerreiros, Rocha Pombo expressa a recusa à ação dos espanhóis e também dos portugueses, poupando um pouco o segundo grupo. Se existem as grandes pátrias europeias, com aparições míticas dos heróis da colonização, ele imagina uma união de todas as tribos a partir da República del Guaíra, que se faz, no livro, um delta da resistência selvagem, projeto de uma nação que congrega outras etnias. Por ser cruzada pelo Caminho de Peabiru, a região se abre a todos os povos indígenas do Continente, propiciando uma viagem mágica dos revoltosos até outros países, em busca desta comunhão. Depois de expulsar os espanhóis e de fugir aos portugueses, os guerreiros vão a Cochabamba, Cusco e Quito, formando uma força anticolonial. Assim, o elemento histórico, base do poema, o êxodo guairenho, ganha foros de utopia: a constituição de uma América indígena sob o comando de Gatan: “De Cochabamba ver soberbo, invicto / das mil nações do Continente unidas / exército tremendo” (123). Rocha Pombo se apropria do passado para vislumbrar uma outra pátria, a que seria constituída por todas estas forças autóctones que, unidas, expulsariam os europeus da América Latina. Na lógica desta outra e extensa nação, que ficou apenas como sonho interrompido, não caberia o elemento estrangeiro: “És branco, és contra nós” (95).

O livro é precário enquanto narrativa – uma das dificuldades do autor é narrar –, mas faz o levantamento de uma geografia, física e humana, que delimita o que viria a ser o Paraná. Apesar da ação rápida e pouco elucidativa, experimentamos o enaltecimento das florestas em um viés de proteção deste mundo habitado à força pelos espanhóis e cobiçado pelos portugueses à cata de escravos. No final, não ocorre a união das nações do Continente, projeto desta Guaíra ficcional, mas a sua implosão por um elemento interno. O filho do rei se casa com uma branca, o que leva o orgulhoso líder ao suicídio. Assim, o Paraná surgiria da união dos malditos europeus com os representantes das nações selvagens; nasceria, portanto, como um crime de rendição ao invasor. “A vertigem da morte que nos valha, / porém escravo não sejas do branco, / enquanto houver floresta” (179). Termina com o heroísmo do suicídio esta narrativa que delimita a pátria paranaense, ligando a resistência às manifestações brutas da selva, marca de nossa identidade.

Este projeto de epopeia americana a partir do território paranaense já revela um mecanismo utópico, mesmo que fantasioso, que norteará o Rocha Pombo ficcionista, um tradutor de sentimentos de reforma social. Em *A Guaíra*, ele viu uma nação possível que ficou soterrada historicamente, uma espécie de alma indomável do homem paranaense, ser integrado a um espaço de lutas.

Inversão utópica

Rocha Pombo publica outros livros antes de seu romance mais conhecido. Em 1892, sai *Petrucello*, escrito no ano anterior. É sintomático haver, nesta novela, uma visão invertida em relação ao canto indianista. Agora é o europeu que vem fazer a América e, a partir desta aventura, construir uma nova concepção do mundo que contempla este universo exuberante. O personagem que dá título ao livro deixa em Florença esposa, filho e sogra para experimentar-se solitariamente no Rio de Janeiro. Assim como Rocha Pombo, que perdera duas filhas, Petrucello guarda uma dor idêntica que o acompanha na viagem, em uma incorporação autobiográfica que vincula pela ficção autor e personagem. A coletânea poética *Visões*, de 1891, é dedicada às duas crianças mortas, Alaída e Judith, que recebem, cada uma delas, um poema na abertura do volume. Ainda sob o impacto destas mortes, ele as aproveita narrativamente e dota Petrucello de um mesmo vazio. Isso mostra um autor que faz da literatura um espelho autobiográfico.

Ele se projeta neste idealista sofrido que deixa, na Itália, a família, com a qual não mantém contato nos anos de Brasil, em sinal de um luto pela morte da menina que se estende a toda a sua pátria. Corta de forma abrupta os laços familiares para viver na solidão de sua dor e na busca de uma obra-prima literária que justificaria todos os sacrifícios. O seu movimento é de perda de si próprio, de renúncia à sua identidade, tal como ele anota durante a viagem de navio: “De pedaço em pedaço vamos deixando a alma pela terra... Quando se chega ao túmulo já se chega sem alma...” (25). Amputado pela morte da filha, ele promove uma amputação espontânea de todos, afastando-se de sua terra e dos seus. No América, vai continuar este caminho de renúncia, até alcançar esvaziado o túmulo em uma região carregada de simbolismo.

Neste romance, em que há ação, sempre desenvolvida rapidamente, já se manifesta a tendência para a dissertação narrativa que distinguirá sua melhor obra. Com uma história agora contemporânea, ele faz de Petrucello um escritor ainda inédito que imagina enredos e os apresenta ao leitor – tal como também acontecerá em *No hospício*. Entre as muitas ideias que apresenta para serem futuramente desenvolvidas no livro que ele escreverá quando conquistar a experiência americana, está a da crítica às cidades grandes, que seriam desumanas: “Muitos males julgados irremediáveis nas sociedades atuais são oriundos das vastas e compactas aglomerações de população. A grande cidade moderna é quase incompatível com o bem-estar e com a saúde das classes laboriosas” (26). Esta compreensão, gatilho de livros do período, é central, por exemplo, em *A cidade e as serras* (1900), de Eça de Queirós. Já se pode ver aí uma justificativa social para a imigração, que seria a oportunidade para a constituição de colônias em que as relações sociais fossem menos danosas do que nas metrópoles.

Domesticada a selva, haveria agora espaço para o estabelecimento do europeu, seja como intelectual (como é o caso de Petrucello e outros), seja como empreendedor ou agricultor. Assim, a América acaba vista como retorno a uma Europa primeira, espaço da realização de estrangeiros que aqui aportam para a reconstrução de modelos sociais e encontram ótimas oportunidades. “O Brasil é uma boa terra, especialmente para os que não nasceram aqui... Que, sendo-se estrangeiro, audacioso e pertinaz – tinha-se tudo feito” (51), eis a lição que recebe de seu sócio, Mr. Tissot.

Por um lado, ele apreende esta nova realidade, tira vantagens econômicas dela e mantém uma vida ativa. Por outro, ele faz a crítica ao pensamento da época, recusando as teses sociológicas. O romance tenta construir uma personagem que rompe profundamente com a pátria para desenvolver uma visão filosófica e literária de um novo projeto de sociedade.

É assim que ele imagina o seu futuro livro *Cidade dos homens*, um lugar comando pelos intelectuais, fundado nas leis e sem a figura de Deus. Essa sociedade sofre todo tipo de dificuldade até perceber que lhe faltava o principal: Deus. É Ele quem viabiliza qualquer modelo social nas conclusões lógicas a que chegam os habitantes desse espaço fictício. O livro revelaria o caminho para esta nova era, a do espiritualismo, em que a alma é o centro: “Sem Deus, será isso eternamente uma utopia”. Assim, o projeto de *Cidade dos homens*, ao contrário do que anuncia o título, mostra a

inviabilidade das teses sociais do período, reintroduzindo na discussão reformista a religião.

O seu outro embrião de livro se chama *América*, região enaltecida por uma natureza que daria vitalidade à civilização ocidental. Agora, a tese é a da pretensa raiz civilizada dos selvagens, que teriam sido reduzidos a seres primitivos pelo isolamento nas matas. Eles seriam os outrora civilizados que degeneraram. O projeto desta nova utopia seria reintroduzir o selvagem na cultura ocidental, para dinamizá-la e os salvar da barbárie imposta pelo meio.

Estes planos vão se sucedendo, até mesmo com projetos comerciais, como a ligação entre América e Europa por uma estrada de ferro transoceânica, símbolo desta ocupação europeia do Brasil, enquanto a personagem ganha e perde dinheiro, convive com outros europeus e com nacionais. Ao publicar o primeiro livro, que seria a sua grande obra-prima, descobre-se medíocre, o que interrompe os seus desejos de sucesso intelectual e reforma social. Esta consciência é tudo que o seu livro produz, não tendo a menor repercussão sobre o mundo exterior.

Surge então o momento de reencontro com o que deixou para trás. Ele volta a Florença, onde sua mulher, sem notícias dele por mais de 9 anos, constituiu outra família. Não pode assim ser reinstalado naquele grupo que assumira nova constituição por sua completa ausência. Ao contrário de um Ulisses no retorno de suas navegações, ele não encontra Penélope (a sua Marietta) a lhe esperar, porque essa o julgava morto. Tal culpa faz com que ela adoça e morra. Este triste desenlace é creditado ao pai pródigo por seu único filho.

Uma tragédia leva a outra tragédia. Petrucello segue para o berço da Europa, para a Grécia, onde vai se finar aos poucos, sob os cuidados de seu único amigo, cujo nome é uma senha do livro: Patrício. Tanto em *A Guaíra* quanto em *Petrucello*, o suicídio é o fim de quem sonha. Com uma trajetória irônica, a busca da América o leva à Grécia, reafirmando o mito de origem do Ocidente espiritual.

Talvez seja possível entender este romance como um elogio dos laços pátrios e espirituais. É como se a sociedade nova que ele tanto buscou na América fosse aquela que ele deixou para trás, no início da Europa. Estava em gérmen a tese desenvolvida de forma mais profunda, mas com a mesma marca narrativa, em *No hospício*.

A outra revolta

Depois de estreias imaturas e defasadas, em uma intensificação mística de sua concepção de mundo, Rocha Pombo se fez um autor em busca de uma identidade literária que o representasse mais diretamente como intelectual católico em um momento em que a sociedade brasileira estava voltada a projetos burgueses, com uma arte realista-naturalista que valorizava o meio e os traços físicos (motor dos comportamentos histéricos de personagens esquemáticos). O simbolismo é, para quem depois faria carreira como um historiador pedagógico, uma oportunidade de explorar as suas crenças e de expressá-las em um romance-ensaio, em que o entrecho dá lugar a debates. Assim, o que encontramos em *No Hospício*, além dos ecos simbolistas, é um eu tentando se conhecer. A narrativa, uma viagem interior e outra exterior, está marcada pela justaposição de eus antagônicos. Destes modelos em conflito nasce o drama vivido pelo narrador em primeira pessoa. E este narrador é a chave de todo o romance. Poderíamos definir *No hospício* como uma busca de si mesmo, uma luta contra as forças externas, o projeto de uma nova sociedade. Seria então um processo de autoconhecimento, de transformação do idealista em desiludido, o que lhe permite manter-se vivo em um mundo em que não se reconhece. Está nesta dolorosa trajetória interior a beleza do livro, que ainda nos comove, apesar dos cacoetes românticos e simbolistas que sujam a narrativa em várias passagens.

Laboratório espiritual

O centro do título do livro está na preposição *em*, que indica a permanência em um lugar. Ela vem unida a um artigo definido, de caráter universalizador: *o*. Estar no mundo; estar no hospício. Os três romances brasileiros da época mais conhecidos que elegem espaços coletivos enquanto campo de pesquisa literária eram *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, e *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia. Eles ou usam apenas o artigo ou não o usam, evitando a preposição, que desvia o foco para algo além do lugar. Se para o romance naturalista (com o qual *O Ateneu* tem conexões), o centro é o espaço em si e os monstros que ele gera, Rocha Pombo introduz uma suspensão destas forças sociais que destroem o indivíduo para explorar o incômodo

de estar (e de ser), tirando disso a tensão narrativa. Se aqueles são romance do coletivo, este é um romance do diálogo entre poucos seres e de monólogos místicos transcritos para cadernos que servem como cadernetas de anotação para pesquisadores da própria alma. Contra o excesso pululante de personagens do romance naturalista, a redução do convívio a uns poucos eleitos (os doidos ou pseudodoidos) em *No hospício*, é romance único no período, em que a narrativa não depende da entrada em cena de muitos atores.

O drama do narrador é buscar um reconhecimento neste espaço que lhe coube embora não lhe pertença. Com uma vocação filosófica, ele tem uma racionalidade mística, ou seja, toma o cristianismo como corrente das ideias que o norteiam. Ele pensa demais e este seu pensar exige como contrapartida um sentido para a trajetória humana. Assim, é a sua hiper-racionalidade que constituiu o seu problema, pois não bastam apenas a fé, a crença e o mistério cristão, embora estes elementos estejam presentes em sua visão de mundo. Dividido, o narrador busca uma unidade que se revelará impossível.

O romance tem um início extremamente moderno. Começa com uma fala de Sórora Teresa sobre uma criatura extraordinária. Nada sabemos do narrador no início e pouca coisa será acrescentada à sua biografia, e à das outras raras personagens, porque interessa conhecer as ideias e não as biografias, que entram apenas nos seus lances mais dramáticos.

Um visitante procura o hospício por curiosidade intelectual e se depara com um “louco discreto”, com “hábitos tão regulares e esquisitos, gestos tão graves e meditativos”, um jovem definido como uma “miserável alma”. Não é um louco em crise, fora de si, transtornado por extremismos comportamentais, que o tirariam do plano da convivência humana. Cria-se no narrador, e no leitor, o interesse por esta figura qualificada positivamente, pois *esquisito* entra como sinônimo de *raro*. Esta profusão de adjetivos já demonstra o desejo, e a dificuldade, de definir a pessoa que participa da vida do narrador a partir do momento em que ele entra, por busca espiritual e por necessidade intelectual, naquele espaço de exceção, que seria a imagem em negativo do mundo externo. Esta busca de um espelhamento invertido do social vai caracterizar a própria dinâmica de pares opostos em que se forja a estrutura artificial (antirrealista) do romance.

O comportamento deste espírito com um interesse vastíssimo, dedicado a ciências, artes, história natural, filosofia, jurisprudência etc., e que por este comportamento aberto às questões morais foi internado pela família burguesa com “fumaças de nobreza”, leva o narrador a uma revelação. O encontro, mediado pela descrição da enfermeira, ainda a distância, produz um efeito de fascínio e o narrador descobre o lugar onde gostaria de estar, na companhia de um louco que destoa da vida externa. Constrói-se, assim, já no primeiro capítulo, a oposição-chave do romance: vida exterior versus vida interior. O encontro com esta figura misteriosa é tão forte que estabelece uma conexão mística imediata e o narrador se interna voluntariamente. Quer estar dentro e, para isso, renuncia à identidade que tinha lá fora e se torna um lúcido que se passa por louco. Contratado como interno do estabelecimento, com a concordância da freira-enfermeira, ele é um pesquisador da alma humana, perseguindo uma solução para o seu próprio drama.

A internação se reveste de dois sentidos fortes. O primeiro deles está no campo da ciência, do conhecimento. O narrador usará o hospício como laboratório de uma identidade. É possível viver assim, apartado dos problemas materiais do mundo exterior? Como o cientista, ele inocula em si mesmo o remédio novo para verificar os efeitos sobre o seu eu, no caso, o seu eu moral. Saberemos que ele tem um projeto social, mas, neste momento, ele busca esta experiência do isolamento no estudo, encontrando uma referência no jovem misterioso.

O laboratório é de natureza espiritual, pois o hospício se confunde com um mosteiro. A presença marcante não é a do médico (que representa a força da sociedade e faz parte do conjunto de burgueses), mas a da freira. O médico, aliás, é desvalorizado neste contexto: “achei uma graça infinita na gravidade do médico e naquela confiança segura que ele sabia aplicar à sua ciência” (62) – o possessivo *sua* demarca o afastamento entre eles, pois a ciência pertence a um grupo opositor, o da verdade hegemônica. E pouco sabemos dos loucos com seus quadros de histeria – apenas se ouvem uivos. A configuração do espaço, com células, também indica o formato de mosteiro, cada um vivendo a sua individualidade, o seu eu interior. Assim, o narrador se interna para interiorizar-se mais e para testar até que ponto é possível a vida mística, de renúncia, de conexão com outra esfera, tanto que o que unirá os dois rapazes é a percepção sensorial de um fantasma feminino que percorre os corredores. Aguçar a sintonia com o imaterial

seria o resultado desta estação no hospício, voluntária por parte do narrador, imposta familiarmente a seu companheiro. Mas ambos estavam dentro de um projeto de descobertas sobre o eu: “Éramos agora dois loucos, que ali nos íamos estudando” (67). O verbo estudar denuncia este movimento de uma internação enquanto busca de respostas para a condição humana. E o hospício ganha foro de espaço para experimentações: “Nada vejo, nada percebo fora do laboratório onde, por uns instantes, está para a minha visão confinado o infinito... Agora, o que eu quero unicamente é a teoria do gênio, é encontrar-me face a face com este homem que me está prometendo dar todo o conjunto de leis que regem o espírito” (134). Ao contrário do cientista, o narrador é atraído pelas leis que regem o espírito e não o universo físico. O plano material acaba suspenso em nome deste estudo místico que acontece quando ele se afasta de todos e se dedica ao seu laboratório.

No final do século XIX, esta metodologia científica de relatar experiências vividas estava em voga. *No hospício* é uma narrativa clássica deste tipo de projeto, aqui ficcional, de submeter pessoas ou grupos a outras formas de organização social. Assim, o manicômio entra como uma construção destinada, pelo menos para o narrador, à busca da iluminação, da percepção das condições de vida em uma frequência de alma. A pergunta implícita que deflagra o experimento é: pode-se viver apenas enquanto espírito, enquanto intelecto?

Sagradas loucuras

Se o narrador não tem nome, fazendo da condição anônima um eu aberto, o seu interlocutor guarda um muito simbólico. Ele se chama Fileto, palavra de origem grega que remete a Fileto de Antióquia, bispo desta localidade entre 218 ou 220 e 231 d.C. Este santo menor, pouco conhecido, faz a conexão com a Grécia, tão apreciada pelos simbolistas enquanto ideal de cultura, e o cristianismo. Fileto pertence ao grupo dos patriarcas e ao período de fundação da igreja, o que transfere à personagem do romance um papel similar: o de início de uma nova espiritualidade, a refundação do cristianismo. Rocha Pombo elege um nome que é um programa, tanto cultural quanto moral. O narrador debaterá os problemas da alma com um representante do nascimento da Igreja. Assim, todas as questões filosóficas levantadas fazem parte de um projeto de

reconstrução das origens do cristianismo. Fileto é o pai desta refundação cristã pela escrita e pela retomada do Evangelho.

O que distingue o Fileto do romance é a dissonância em relação à sua família. Assim, ele é a negação do projeto de seu pai, o Comendador Seixas, que se envergonha do filho avesso a uma carreira de sucesso comercial e mundano. Depois de vagar longe da família, o rapaz acaba internado. Fileto assume sua identidade de louco como uma resposta ao seu grupo social, que precisa ser profundamente negado por representar o equívoco da condição humana. Se o pai é apresentado pelo sobrenome e pelo título, elementos que o individualizam, dando historicidade a ele, o filho recebe um nome que o projeta no tempo, religando-se a uma era inicial. É como se ambos estivessem em tempos diferentes, um no alvorecer do cristianismo e outro em um período de decadência. Este distanciamento cronológico se materializa com o distanciamento físico criado pela internação no hospício. É preciso deixar claro que ambos pertencem a planos distintos. É neste sentido que o manicômio/mosteiro produz uma descontinuidade espaço-temporal entre pai e filho. É a ruptura com a sociedade e a afirmação de uma conexão com o eterno.

Se são quatro os tipos de louco propostos por Chevalier (“o que tinha tudo e perdeu bruscamente; o que não tinha nada e tudo adquire sem transição; e o louco, doente mental; [e] o que tudo sacrifica para adquirir a sabedoria, o iniciado exemplar” - 560), Fileto pertence ao derradeiro grupo. É isto que lhe dá um poder de fascínio, reconhecido desde o início pelo narrador. Ele se distingue dos demais habitantes daquele lugar por ser um “iniciado exemplar”, que almeja a transcendência, a superação dos limites do corpo, uma regra moral de vida. Para isso, este tipo de louco se coloca “fora do jogo, isto é, fora da cidade dos homens” (idem), fazendo-se um Mestre. (Lembre-se aqui de que o projeto de Petrucello de um livro sobre a cidade dos homens o leva ao misticismo que esta não contemplava.)

O narrador se torna seu discípulo, reconhecendo nele um ideal de filosofia mística. Entre as fugas da razão, a de Fileto se enquadra nas “sagradas loucuras” (117), aquelas que se revestem de um sentido espiritual. Note-se que a expressão com a posição do adjetivo invertida ecoa as “sagradas escrituras”. O romance, assim, promove uma definição do sagrado, que estaria tanto nas loucuras quanto nas escrituras. O

convívio com Fileto tem, por isso, para o narrador, um valor iniciático. É uma forma de acessar ao vivo o conhecimento.

No hospício é um romance filosófico que sobrepõe as escrituras sagradas às loucuras transcendentais. Todas as conversas e todos os dramas interiores contam para a viagem ao redor das células que cada um desses dois loucos, o voluntário e o involuntário, habitam. Como modelo narrativo, estaria próximo de *Canaã* (1902), de Graça Aranha, em que a viagem é geográfica, mas na qual se dá uma discussão filosófica sobre a imigração como a construção de uma nova sociedade, a partir da oposição de duas vertentes de pensamento, representadas por Milkau e Lentz. Se, neste romance, prevalece o debate, o dissenso, no de Rocha Pombo se dá o encontro de duas almas que se completam. Mas a semelhança construtiva destas novelas-ensaios apresentadas como romance mostra que estava no ar uma tentativa de pensar em uma chave bíblica a sociedade.

A raça das almas

O cientificismo havia proposto toda uma tipificação humana para pensar o Brasil a partir de raças limpas (sem mistura) e raças inferiores (com sangue africano ou indígena). Nesta visão extremamente perversa, a que se creditava a barbárie nacional, entrava a idealização biológica dos brancos, cuja pureza europeia salvaria o Brasil de ser uma nação menor segundo os critérios eurocêntricos. A imigração em massa tinha, portanto, um duplo sentido: substituir a mão de obra escrava e branquear o Brasil, para que nos afastássemos de nossas origens. Com a vinda dos imigrantes, há um esforço de “melhoramento” do povo, uma vez que a elite foi sempre majoritariamente branca. O projeto eugênico vem disfarçado de uma ideia de desenvolvimento do país e de povoação de áreas com baixa densidade demográfica. O imigrante vale como mão de obra e também como pretense elemento dinamizador de um outro Brasil (como ficou dito em *Petrucello*), menos indígena e africano. Neste movimento que marcou o final da segunda metade do século XIX, o Paraná começa a receber contingentes europeus e sofrer uma europeização, que foi mais intensa no Sul do Brasil. O próprio Rocha Pombo será adepto deste movimento de colonização, como veremos à frente, em sua juventude, mas no seu grande romance ele faz uma crítica a esta divisão biológica da

população, colocando em outros termos, de caráter espiritual, a distinção. Haveria apenas duas raças, a das almas e a dos corpos indistintos. Assim, o simbolismo desloca uma discussão sobre a composição nacional para outro plano, o do mundo místico, fugindo ao debate sociológico. O que define o homem não seria mais sua origem, mas as ideias que ele professa. Isso, no entanto, não chega a corrigir as distorções preconceituosas do período e, pela postura dos internos destacados no hospício, prevalece o mundo europeu, principalmente pela liberdade econômica destes. Por outro lado, há uma negação dos critérios raciais vigentes no período, que são suspensos embora não sejam combatidos diretamente.

O romance trabalha nesta perspectiva moral, que faz a separação de um grupo que elege as questões existenciais acima da identidade nacional. E amplia a ideia de pátria, colocando-a no plano da latitude espiritual. Não trata do brasileiro, em nenhuma das definições existentes, e sim de um grupo acima das fronteiras nacionais e de seus elementos de composição. Agora, procura-se a pátria do espírito, uma congregação que não tem um vínculo com o aqui e o agora e sim com a eternidade. A nova sociedade, da qual o hospício é apenas uma célula isolada, está na réplica de uma Jerusalém atemporal, em que todos cultivam a sua potencialidade interior. “Somos uns dementes legítimos e de que o manicômio é a nossa Jerusalém” (249). A loucura se reveste de uma recusa ao exterior, em que os embates estão em curso, para se fazer um lugar neutral, no sentido de suspender as leis sociais que atuam sobre o indivíduo. Assim, a demência surge como uma panaceia para o homem sensível, que não consegue participar de seu lugar e de seu tempo. O projeto de construção de uma nação, próxima da realidade histórica ou racialmente falsa, não afeta estes seres presos a uma pátria espiritual.

Entre as anotações de Fileto, uma se destaca, mostrando o conceito de raridade desta outra pátria: “Uma alma me interessa muito e muito mais do que uma nação” (160). Aqui está a essência deste conceito em que a alma é maior do que a nação, e que o simples encontro entre duas almas produz um efeito de identidade que nenhum país pode dar.

O que une as almas é uma conexão com o mundo místico, tanto que é pela identificação da presença de um fantasma a vagar pelo hospício que se dá a comunhão do narrador e de Fileto, os quais se irmanam por um cérebro atento ao imaterial. Fileto está trabalhando em um livro que se chama *Psicologia das visões* (*Visões* é o título de

um dos livros de Rocha Pombo), um elogio desta capacidade de acessar o mundo metafísico, em uma percepção destinada a poucos. Podemos ver aqui todas as teorias místicas muito fortes no período, que se fazem ecoar no romance, cuja originalidade se localiza nesta ideia de constituição de uma cidade paralela, cujo laboratório é o hospício.

Neste mesmo conjunto de fragmentos, Fileto postula: “as raças que habitam as altas latitudes têm mais intensidade de vida espiritual” (163). Está assim isolando do comum dos cidadãos um grupo habilitado a viver solitariamente, à margem, como se em um mosteiro no deserto, sem conexões com o que ocorre na cidade dos homens. Este projeto pessoal cala fundo no narrador, que encontra nele um ideal. Afastar-se para um conclave de poucos assinalados que viveriam em um estado de resistência interior às tentações burguesas se torna um projeto. A busca da beleza não é mais estética, mas moral. O ideal de arte dá espaço a uma arte do ideal. E todo o esforço de reflexão dos dois irmãos de alma leva a uma existência além do desenvolvimento material, algo muito forte no período. A razão da própria existência estaria na capacidade de ampliar os horizontes místicos: “O processo espiritual é o fim da vida terrena” (174).

O encontro no hospício propicia uma troca filosófica que resume as ideias de um misticismo visto como ciência, como conhecimento. Habitar o manicômio não é uma renúncia à lucidez, mas uma liberdade de viver espiritualmente, para um projeto de experiência terrena que vai além do pragmatismo burguês. O hospício ganha um sentido positivo, faz-se uma ilha de insanidade criativa, em que as mentes mais fortes conseguem abrir-se a uma outra realidade. Nesta busca, aqueles que ainda se sentem presos ao exterior acabam sucumbindo, entregando-se à demência irreversível ou à morte.

Templo moderno, o hospício experimenta em pequena escala o novo regime, que seria um “misto de areópago e de santuário, de academia e de tabernáculo” (178), com a função de suspender os modelos sociais: “em vez de ricos e poderosos, teremos os bons e os grandes espíritos: em vez de democracia e aristocracia, teremos ou a desídia de coração ou a augusta formosura moral” (179). Em seus debates, os dois amigos projetam uma reforma da sociedade a partir desta nova raça que surgirá de uma geração que se abriu às questões da alma. O romance funciona como exposição destes princípios reformistas, como um conjunto de ideias fragmentárias e inconclusas, base ainda em processo de uma outra humanidade.

E está dominado por esta teoria de um heroísmo espiritual, no qual se realizam dois intelectuais que chegaram a um extremo de compreensão da circunstância humana. É uma utopia gestada nas leituras mútuas e nos debates dos fundamentos deste novo homem. O modelo criado pelos dois seria uma resposta para os dilemas sociológicos e científicos da época.

Colônia modelo

Toda a produção literária de Rocha Pombo poderia ser definida como utópica, com um princípio reformista que sofreu variações até chegar a *No hospício*, sua obra maior. Nem sempre estava no plano espiritual a sua visão refundadora da sociedade, tal como já vimos. Em um documento depois da época em que o autor morou em Castro (1883-1887) – quando se casa, cria um colégio e se elege deputado provincial, iniciando uma campanha para a criação de uma universidade no Paraná –, o homem público apresenta a proposta de colonização de uma extensa área. Trata-se do projeto “O Vale da Ribeira e o Futuro da Província”, datado de 1º de novembro de 1889. Nesta sua face política, o que estava em jogo era o desenvolvimento da região. Ele propõe um “remodelamento do serviço de colonização”, baseado em suas experiências biográficas. Como conhece o homem local, o paranaense, mistura do ibérico com os indígenas, com vocação totalmente agrícola, de uma agricultura de subsistência, ele sente a necessidade de agregar um novo elemento, o europeu com propensões para a indústria, que revolucionaria a economia do Paraná.

Como maior cidade do interior da província, Castro é o polo urbano que deve ser ligado a Curitiba. Assim, o projeto colonizador proposto por Rocha Pombo elege o corredor agrícola entre as duas cidades como campo do experimento. Ele enaltece o Vale da Ribeira, uma extensão de 300 léguas quadradas, por suas terras férteis, pela proximidade dos centros habitados, pela facilidade de escoamento da produção e pelo clima ameno, entre o calor da região marítima e do interior e o frio das serras. Com isso, seria criada uma faixa europeia entre os dois municípios, aproveitando o elemento local, que seria “revigorado”, nas palavras do deputado-escritor, pelo europeu. Todo o futuro da região estaria neste enxerto de elementos transformadores, que modificaria as populações locais. Alguns termos ressaltam na proposta. Um deles é *importação*. O

Paraná deveria importar imigrantes, o que cria uma continuidade entre pessoas e mercadorias. Nesta visão, o futuro estaria na internacionalização de uma área, organizada a partir de burgos, cujo centro seria uma casa comercial. É possível ver na proposta resquícios da organização das missões jesuíticas e de outras experiências de colônias rurais.

Se esta forma de colonização não era novidade, a disposição dos agrupamentos tem um sentido novo. Seria concentrar em uma área que pudesse ser atendida por vias de escoamento de produtos, otimizando os investimentos públicos, em vez de espalhar colônias isoladas por regiões de difícil acesso.

Nesta atuação política, manifesta a índole idealista do escritor, ainda vinculado ao seu chão natal, tentando agora transformar áreas economicamente precárias em centros produtivos. O seu projeto pertence à cidade dos homens (sem a visão mística que mudará sua concepção social) e guarda uma vinculação simbólica com a República del Guaira, que segue sendo, para o autor, um modelo organizacional ainda aplicável, com o ingresso de outros componentes. Ele persegue a pátria do futuro, propondo modelos que não são adotados.

Poderíamos dizer que, quando falham suas tentativas de modificar o Paraná, seja pela mudança ordenada do componente racial, pois os europeus se isolam em colônias que reproduzem hábitos originários, seja pela falta de apoio para criar uma universidade, o homem de ação se deixa vencer pelo intelectual, logo radicado no Rio de Janeiro (1897), onde construirá uma carreira de professor, historiador e escritor. Rocha Pombo desiste da reorganização da Província, conecta-se com os simbolistas e faz a guinada literária com *No hospício*, no qual o Paraná não aparece descrito, pois há um desejo de universalidade na constituição deste espaço de fuga do real.

República espiritual

O hospício pode estar localizado em Curitiba, em Paranaguá ou no Rio de Janeiro, cidade onde o autor residia quando da conclusão do livro. A localização perde a importância para dar lugar a espaços simbólicos, fora da geografia. É como se o autor anulasse o país para colocar em cena personagens socialmente soltas. Elas se encontram no plano dos arquétipos. Em comparação aos seus livros anteriores, a decepção com as

mudanças sociais leva Rocha Pombo a promover uma mudança literária que produz o apagamento dos marcadores geográficos. Não quer mais pertencer à cidade dos homens, busca o isolamento na cultura e na ficção, ou seja, na república das letras, daí a profusão de autores citados em *No hospício*. Aguçam-se também seus dramas espirituais. É deste contexto autobiográfico que nasce a narrativa da desilusão experimentada em outro plano.

Já foi dito que a permanência no hospício reproduz o ideal de isolamento do artista na torre de marfim simbolista, e isso tem uma verdade de superfície, embora a questão seja mais profunda. Ali é um laboratório onde os dois jovens testam as teorias espirituais, de convívio entre seres iguais, que não se reconhecem no turbilhão das existências fúteis. Isolar-se reveste-se de um projeto social claro: construir uma outra cidade, uma república espiritual. Vai, portanto, além da separação do artista do resto da humanidade. Há uma utopia mística, a reordenação do elemento humano a partir das questões de alma, um reinício da era cristã, com os valores originais, idealizadamente incorruptíveis, o que permitiria a vida plena do humano, em convívio com todas as espiritualidades. É este o projeto do narrador, a criação de um espaço de exceção, que cultue e siga a expressão máxima do humano: “toda esta excelsa família olímpica e sagrada, de *entes* que representam já a grande visão do Tempo” (119). Esta outra república que une mais do que pessoas, mas entes do passado e do presente, ampliaria a vivência experimentada no hospício, antídoto para os desvarios burgueses de um século definido como doente, marcado pela “oficina da vida material” (126). Assim, o narrador projeta a Cidade Futura, uma organização em que os valores do espírito se sobreporão aos projetos materiais. Ele e Fileto se veem como fundadores deste enclave salvífico no meio do materialismo triunfante, que desvirtuou a existência do homem enquanto entidade em contato com Deus. Loucura seria enfrentar todas as leis sociais e econômicas para fundar este outro modelo social, com uma geração de gênios. A partir da consciência de que, se os dois podem viver ali voltados para as coisas filosóficas e imateriais, seria possível ampliar o projeto a um grupo maior. Esta se torna a pátria desejada, um lugar de poucas pessoas, uma vez que a cidade moderna, na sua multidão focada na melhoria das condições materiais, seria a negação do projeto. Fileto explica como seria este novo tempo, marcado pela comunicação com as almas, uma forma de preparar a volta de Cristo: “É preciso que os espirituais principalmente tenham sempre

estimulada a sua vitalidade orgânica. Ora, eu parto sempre, como se vê, do princípio absoluto e universal do destino: TODOS TÊM QUE SER ESPIRITUAIS” (175). Ele propõe uma organização futura, um regímen, como reforça, marcado pela paixão das almas, a paixão espiritual. Assim seria o novo século, o XX, uma negação do materialismo do século que finda.

A cidade futura, lugar de estudo e adoração, terá como heróis o sábio, o poeta e o artista. Nestas palestras entusiasmadas eles começam o planejamento desta cidade –

A vila será formada por um quadrilátero de casas, todas edificadas no meio de bosques e jardins, a certa distância uma das outras. Em cada casa, ou em apêndice do edifício, ou mesmo em prédio separado, mas junto do lar – se erguerá a oficina. No centro da vila ficarão o FÓRUM e o TEMPLO, além do EMPÓRIO de produção e de consumo. É no TEMPLO e no FÓRUM que se cultivará a fraternidade dessas cem famílias [...] aspirando a grande Vida, que é a vida das almas” (179).

O modelo organizacional desta nova urbe vem diretamente das experiências jesuíticas, em que o templo, a biblioteca e os barracões de trabalho orientam a disposição da vila, e também das experiências das colônias socialistas e mesmo do projeto de colonização defendido por Rocha Pombo para o Vale da Ribeira. É este leiaute que ele aplica agora a um outro propósito, reproduzindo uma distribuição urbanística que é uma matriz experimental testada em outras épocas. Assim, o autor retoma momentos de suas crenças e de suas propostas, sociais e literárias, para dotar o romance de um sonho de irmandade pela grandeza interior das pessoas.

O que modifica em *No hospício* é a localização desta cidade do futuro. Não será mais em território nacional, mas na terra sagrada de Jerusalém, “aquele solo santo, pátria de meu espírito” (252), diz Fileto. A cidade futura ampliaria a experiência de convívio desinteressado no hospício e retomaria “a inteligência do evangelho”, com uma escola que partisse da inocência da humanidade. Nestes planos, os dois amigos gastam seus dias, criando as alternativas para imaginar o funcionamento da organização que anularia todos os estados, todas os interesses nacionais, para se fazer o espaço da comunhão entre os cultores do credo cristão.

Ao chegar a este modelo, depois de muitos debates, as personagens encontram um sentido para a existência e a libertação do isolamento. Obtido o sistema, sendo pessoas de posse, eles podem tentar colocar em prática as suas teorias de uma sociedade espiritualista. E planejam deixar o hospício, lugar protegido, para a grande aventura da

nova colonização: criar uma cidade que acolha e multiplique os seres espirituais. O narrador liquida os seus bens para fazer a viagem a Jerusalém e solicita que a família de Fileto o libere da internação e patrocine a empreitada, pois ele está curado na medida em que instituiu um projeto de vida, saindo assim do mutismo ensandecido em que vivia. Nesta parte do livro, num sentido contrário à colonização da América, os jovens vão fundar um burgo em plena Terra Santa, propondo um vetor invertido: “Quero aproveitar Jerusalém neste resto de vida. Jerusalém vai redimir-me” (241). Ela é o antídoto para o Pandemonium, a cidade pervertida dos homens.

Sair do hospício

Para o narrador, que está internado por opção e sem um tutor ou quadro clínico de loucura, apenas por curiosidade intelectual, é fácil deixar o lugar escolhido como locus de aprendizagem. Basta interromper o contrato que estabeleceu com Sórora Tereza e ganhar as ruas. Embora não seja rico, ele tem posses que permitem uma autonomia financeira e mental. Já Fileto depende da família. Há, portanto, a necessidade de convencimento de seu pai quanto à sanidade conquistada neste período de grandes expectativas – que só reforçarão a sua debilidade mental diante do Comendador Seixas. O narrador tenta convencer a família do amigo, mas o pai é irredutível em seu veredito. Ele defende a cidade dos homens, mesmo levando ao sacrifício seus filhos – toda a sua prole morre, Fileto sendo o último. O romance é mais um estudo do suicídio, pois a urbe projetada não pode ser erguida, restando ao jovem o hospício como sua única Jerusalém, projeção imaginária, jamais sequer visitada.

Embora o narrador chegue a conhecer Jerusalém, a cidade futura não é erguida porque o possível financiador do projeto foi retido no hospício, o que leva a ideia à falência, confirmada quando, no retorno, é informado da morte de Fileto por inanição – ele passou a se alimentar apenas de hidromel. E aqui entra outro elemento simbólico muito forte, pois o hidromel “é a bebida da imortalidade, a bebida dos deuses no outro mundo” (*Chevalier*, 492), reforçando o caráter místico desta personagem.

No hospício seria o romance da impossibilidade de se viver em outra frequência, a espiritual, e, em vez de ser o anúncio de uma nova era, fez-se o triunfo de um século material, que destrói as almas sensíveis, que não encontram lugar de realização nem

mesmo no manicômio, onde podem tentar viver fora das regras. É um romance da falibilidade dos projetos espirituais, desvelando a força do pragmatismo sobre o idealismo. Tal como Gatan se mata quando não consegue proteger a grande nação indígena, contaminada pelo elemento europeu, Fileto faz o mesmo ao não conseguir a liberdade para ser quem ele é, uma alma que se comunica com outras almas, fora das fronteiras do manicômio. Ser frágil, resta-lhe perecer silenciosamente, sem grandes dramas, recolhido à sua renúncia, única forma de enfrentar a feroz realidade.

O hospício, espaço libertário para estas almas que não se enquadram no sistema social, se faz túmulo, onde vão ser soterrados os sonhos e os projetos de um grupo voltado às coisas do espírito, para a busca de um sentido maior para a vida.

Romance crepuscular, *No Hospício* rompe com a narrativa tradicional, com a ação, para mostrar existências paralisadas, que não encontram espaço de realização. É o romance mais radical, estruturalmente, antes do Modernismo, por encenar pela narrativa filosófica e emperrada, repleta de enxertos de livros não concluídos, este ritmo estagnado de figuras que fazem a viagem interior, que não conseguem se colocar em ação. Mais do que a torre de marfim simbolista, habitat natural do artista, local de resistência, ele representa a derrocada de uma geração espiritualista e moralmente incorruptível, sem outro destino a não ser a demência total ou a morte. Por isso, o romance termina com a imagem do “sagrado silêncio da velha necrópole”, criando uma continuidade entre manicômio e túmulo, fim dos que não conseguem ser quem são. Há, portanto, a denúncia do manicômio como espaço de controle social, onde se depositam os desajustados. Neste sentido, o romance adquire, indiretamente, um sentido crítico que o dota de valor histórico-social.

Matriz paranaense

Do ponto de vista formal, este romance será a matriz de todo o experimentalismo da literatura produzida no Paraná, do qual se faz um modelo de ruptura com os realismos narrativos, colocando-se no polo oposto, o das narrativas das ideias. Ou seja, ele funciona como um DNA da literatura experimental que dará, entre outras obras estéticas de reflexão filosófica, o *Catatau* (1975), de Paulo Leminski. Esta força da forma o coloca em um lugar de destaque, para além das questões defendidas

pelas personagens. É também um livro-final-de-linha, uma vez que depois dele o autor vai deixar a literatura (fará incursões acidentais), dedicando-se ao trabalho de historiador. É como se esgotasse seus recursos literários, acumulados em livros anteriores, neste romance-síntese de sua concepção espiritualista do mundo. Sai de cena o romancista que é um antirromancista para dar lugar ao historiador que analisa o Brasil. O pensamento vence a imaginação literária e a preocupação com a história do Brasil supera o seu interesse inicial pela história do Paraná, que se manifesta ainda subsidiariamente em seus escritos.

Se não podemos definir onde fica o hospício representado em seu melhor romance, esta é sem dúvida uma obra intrinsecamente paranaense, pois coloca em cena experiências vividas pela província nesta quadra histórica. Primeiramente, sobressaem as figuras simbolistas, voltadas para a criação, enquanto clubes, escolas, faculdades e revistas, de um espaço para o exercício da espiritualidade. Poderíamos dizer, com certeza, que o narrador e Fileto são paranaenses, não por referências externas, mas por seus projetos de constituição de uma alternativa social baseada nas experiências da alma. São integrantes desta geração simbolista, espiritualista e artística que moveu o cenário intelectual e político da província. Trazem o espírito utópico de todo um grupo que quis refundar a arte e a sociedade em bases místicas. É um retrato ficcional destes valores, encarnados em personagens frágeis, que mesmo no auge de seu entusiasmo são vencidos.

Também ecoam no romance dois projetos sociais que marcam a história do Paraná. O primeiro dele é a Colônia Teresa Cristina, criada pelo médico francês, radicado no Brasil, Jean Maurice Faivre (1795-1858) que, influenciado pelas teses de Fourier (1768-1830), funda uma comunidade socialista próxima ao rio Ivaí, atraindo franceses e brasileiros. Entre outros projetos, pretendia-se promover a educação indígena sem passar pela escravidão. É uma retomada socialista das reduções jesuíticas, com uma visão de socialização do processo produtivo. A colônia sobrevive por 11 anos, nesta perspectiva de testar na prática social a constituição de uma outra forma de organização, de caráter coletivista.

Uma proposta similar é tentada tempos depois pelo italiano Giovanni Rossi (1856-1943), que cria em Palmeira, próximo do rio Iguaçu, um empreendimento anarquista, a Colônia Cecília, atraindo seus conterrâneos para a vida na comunidade

rural que devia vencer a necessidade de um líder, tal como teve a Teresa Cristina na figura do doutor Faivre. O experimento dura quatro anos (1880-1884), e novamente há um final em que os projetos vão à falência.

Estas experiências estão contempladas nos livros de Rocha Pombo que, em boa medida, reformula a ideia da construção de um outro modelo social, concluindo, em *No hospício*, com a necessidade de esta nova cidade ser de natureza mística e não mais social. Mas este projeto ficará no plano da ficção e em uma fase anterior à que obtiveram as duas colônias socialistas, pois ele falhará antes de começar.

Assim, metonimicamente, a obra literária de Rocha Pombo pensa o Paraná como decorrência de utopias, que introduzem no debate nacional uma força reformista, com o que há nela de idealismo e de desilusão.

TRABALHOS CITADOS

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.

GOMES, Alvaro Cardoso. “Um romance interdisciplinar revolucionário”. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, 2º semestre de 2015.

ROCHA POMBO, José Francisco. “O Vale da Ribeira e o Futuro da Província”. *Boletim do Arquivo do Paraná*, Curitiba, Departamento Estadual de Arquivo e Microfilmagem, n.11, p. 13-14, 1992.

ROCHA POMBO, José Francisco. *A Guayra*: poema em 12 cantos. São Paulo: Tipografia da Companhia Industrial de São Paulo, 1891.

ROCHA POMBO, José Francisco. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba 1996. (Col. Farol do Saber),

ROCHA POMBO, José Francisco. *Petrucello*. Curitiba: Companhia Impressora Paranaense, 1892.

ROCHA POMBO, José Francisco. *Visões*. Curitiba: Companhia Impressora Paranaense, 1891.

ROSSI, Giovanni. *Colônia Cecília e outras utopias*. Tradução Marzia Terenzi Vicentini e Miguel Sanches Neto. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Col. Brasil Diferente)

Miguel Sanches Neto é doutor em Letras pela Unicamp (1998), com pós-doutorado na Universidade do Minho, Portugal, e professor-associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, da qual é reitor. Autor de mais de 40 livros, como os romances *Chove sobre minha infância* (Record), *Um amor anarquista* (Record) e *A máquina de madeira* (Companhia das Letras), traduzidos para o espanhol e para o francês. Lançou em 2015 o romance de história alternativa *A segunda pátria* (Intrínseca), sobre os nazistas no sul do Brasil, e em 2016 *A Bíblia de Che* (pela Companhia das Letras), um policial que se passa em Curitiba, Cuba e Bolívia. Recebeu, entre outros, o Prêmio Cruz e Sousa (2002) e Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina (2005).

Artigo recebido em 08/01/2022.

Aprovado em 15/01/2022.